

**SENHORA** PERFIL DE MULHER  
**JOSÉ DE ALENCAR**

 **CLÁSSICOS  
SARAIVA**



Prêmio internacional HOW Design Annual — 2010  
para as capas da coleção. *HOW Magazine* é  
uma renomada revista americana de design gráfico.

Prêmio internacional AIGA 50 Books/50 Covers — 2008  
para o projeto gráfico da coleção pelo  
American Institute of Graphic Arts (AIGA).

**SENHORA** PERFIL DE MULHER  
**JOSÉ DE ALENCAR**

 **CLÁSSICOS  
SARAIVA**

Conforme a nova ortografia

1ª edição

 **Editora  
Saraiva**

**Gerência editorial**

Rogério Gastaldo

**Coordenação editorial e de produção**

Edições Jogo de Amarelinha

**Assistência editorial**

Valéria Franco Jacintho

**Projeto gráfico, capa e edição de arte**

Rex Design

**Ilustração de capa**

Carvall

**Revisão**

Pedro Cunha Jr e Lilian Semenichin (coords.)

**Elaboração *Diários de um Clássico*, *Contextualização Histórica*  
e *Suplemento de Atividades***

Rodrigo Petronio

**Elaboração *Entrevista Imaginária* e *Projeto Leitura e Didatização***

Vicente Luís de Castro Pereira

**Impressão e acabamento**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Alencar, José de, 1829-1877.

Senhora: perfil de mulher / José de Alencar. – São Paulo: Saraiva, 2007  
– (Clássicos Saraiva)

ISBN 978-85-02-06713-4

1. Romance brasileiro I. Título. II. Série.

CDD-869.93

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

© Editora Saraiva, 2007

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 4003-3061

[www.editorasaraiva.com.br](http://www.editorasaraiva.com.br)

[atendimento@aticascipione.com.br](mailto:atendimento@aticascipione.com.br)

Todos os direitos reservados

7ª tiragem, 2017

Visite o site dos Clássicos Saraiva:

[www.editorasaraiva.com.br/classicossaraiva](http://www.editorasaraiva.com.br/classicossaraiva)

CL: 810130

CAE: 603347

Caro leitor,

*Durante todo o ensino fundamental, o estudante terá percorrido oito ou nove anos de leitura de textos variados. Ao chegar ao ensino médio, ele passa a ter contato com o estudo sistematizado de literatura brasileira. Nesse sentido, aprende a situar autores e obras na linha do tempo, a identificar a estética literária a que pertencem etc. Mas não passa, necessariamente, a ler mais.*

*É tempo de repensar esse caminho. É hora de propor novos rumos à leitura e à forma como se lê. Os **CLÁSSICOS SARAIVA** pretendem oferecer ao estudante e ao professor uma gama de opções de leitura que proporcione um modo de organizar o trabalho de formação de leitores competentes, de consolidação de hábitos de leitura, e também de preparação para o vestibular e para a vida adulta. Apresentando obras clássicas da literatura brasileira, portuguesa e universal, oferecemos a possibilidade de estabelecer um diálogo entre autores, entre obras, entre estilos, entre tempos diferentes.*

*Afinal, por que não promover diálogos internos na literatura e também com outras artes e linguagens? Veja o que nos diz o professor William Cereja: “A literatura é um fenômeno artístico e cultural vivo, dinâmico, complexo, que não caminha de forma linear e isolada. Os diálogos que ocorrem em seu interior transcendem fronteiras geográficas e linguísticas. Ora, se o percurso da própria literatura está cheio de rupturas, retomadas e saltos, por que o professor, prendendo-se à rigidez da cronologia histórica, deveria engessá-la?”.*

*Esperamos oferecer ao jovem leitor e ao público em geral um panorama de obras de leitura fundamental para a formação de um cidadão consciente e bem-preparado para o mundo do século XXI. Para tanto, além da seleção de textos de grande valor da literatura brasileira, portuguesa e universal, os **CLÁSSICOS SARAIVA** apresentam, ao final de cada livro, os **DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO** – um panorama do autor, de sua obra, de sua linguagem e estilo, do mundo em que viveu e muito mais. Além disso, oferecemos um painel de textos para a **CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA** – contextos históricos, sociais e culturais relacionados ao período literário em que a obra floresceu. Por fim, oferecemos uma **ENTREVISTA IMAGINÁRIA** com o Autor – conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida.*

*Desejamos que você, caríssimo leitor, desfrute do prazer da leitura!*



# SUMÁRIO

## SENHORA

### PRIMEIRA PARTE O PREÇO

I	11
II	14
III	19
IV	24
V	30
VI	36
VII	42
VIII	47
IX	53
X	58
XI	63
XII	67
XIII	72

### SEGUNDA PARTE QUITAÇÃO

I	77
II	82
III	86
IV	90
V	94
VI	99
VII	103
VIII	108
IX	113

### TERCEIRA PARTE POSSE

I	117
II	124
III	130
IV	137
V	141
VI	148
VII	153
VIII	159
IX	164
X	169

### QUARTA PARTE RESGATE

I	175
II	181
III	186
IV	192
V	199
VI	205
VII	212
VIII	216
IX	221

DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO	231
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	259
ENTREVISTA IMAGINÁRIA	267





## Ao Leitor

Este livro, como os dois que o precederam, não são da própria lavra do escritor, a quem geralmente os atribuem.

A história é verdadeira; e a narração vem de pessoa que recebeu diretamente, e em circunstâncias que ignoro, a confiança dos principais atores deste drama curioso.

O suposto autor não passa rigorosamente de editor. É certo que tomando a si o encargo de corrigir a forma e dar-lhe um lavor literário, de algum modo apropria-se não a obra mas o livro.

Em todo o caso, encontram-se muitas vezes nestas páginas, exuberâncias de linguagem e afoutezas de imaginação, a que já não se lança a pena sóbria e refletida do escritor sem ilusões e sem entusiasmos.

Tive tentações de apagar alguns desses quadros mais plásticos ou pelo menos de sombrear as tintas vivas e cintilantes.

Mas devia eu sacrificar a alguns cabelos grisalhos esses caprichos artísticos de estilo, que talvez sejam para os finos cultores da estética, o mais delicado matiz do livro?

E será unicamente fantasia de colorista e adorno de forma, o relevo daquelas cenas, ou antes de tudo serve de contraste ao fino quilate de um caráter?

Há efetivamente um heroísmo de virtude na altivez dessa mulher, que resiste a todas as seduções, aos impulsos da própria paixão, como ao arrebatamento dos sentidos.





## PRIMEIRA PARTE O PREÇO

### I

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela. Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões.

Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.

Era rica e formosa.

Duas opulências, que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante.

Quem não se recorda da Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da Corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira o seu fulgor?

Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com avidéz informações acerca da grande novidade do dia.

Dizia-se muita coisa que não repetirei agora, pois a seu tempo saberemos a verdade, sem os comentários malévolos de que usam vesti-la os noveleiros.

Aurélia era órfã; e tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade.

Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina.

Guardando com a viúva as deferências devidas à idade, a moça não declinava um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse.

Constava também que Aurélia tinha um tutor; mas essa entidade desconhecida, a julgar pelo caráter da pupila, não devia exercer maior influência em sua vontade, do que a velha parenta.

A convicção geral era que o futuro da moça dependia exclusivamente de suas inclinações ou de seu capricho; e por isso todas as adorações se iam prostrar aos próprios pés do ídolo.

Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com sagacidade admirável em sua idade, avaliou da situação difícil em que se achava, e dos perigos que a ameaçavam.

Daí provinha talvez a expressão cheia de desdém e um certo ar provocador, que eriçavam a sua beleza aliás tão correta e cinzelada para a meiga e serena expansão d'alma.

12

Se o lindo semblante não se impregnasse constantemente, ainda nos momentos de cisma e distração, dessa tinta de sarcasmo, ninguém veria nela a verdadeira fisionomia de Aurélia, e sim a máscara de alguma profunda decepção.

Como acreditar que a natureza houvesse traçado as linhas tão puras e límpidas daquele perfil para quebrar-lhes a harmonia com o riso de uma pungente ironia?

Os olhos grandes e rasgados, Deus não os aveludaria com a mais inefável ternura, se os destinasse para vibrar chispas de escárnio.

Para que a perfeição estatuária do talhe de sílfide, se em vez de arfar ao suave influxo do amor, ele devia ser agitado pelos assomos do desprezo?

Na sala, cercada de adoradores, no meio das esplêndidas reverberações de sua beleza, Aurélia, bem longe de inebriar-se da adoração produzida por sua formosura, e do culto que lhe rendiam; ao contrário parecia unicamente possuída de indignação por essa turba vil e abjeta.

Não era um triunfo que ela julgasse digno de si, a torpe humilhação dessa gente ante sua riqueza. Era um desafio, que lançava ao mundo; orgulhosa de esmagá-lo sob a planta, como a um réptil venenoso.

E o mundo é assim feito; que foi o fulgor satânico da beleza dessa mulher, a sua maior sedução. Na acerba veemência da alma revolta, pressentiam-se abismos de paixão; e entrevia-se que procelas de volúpia havia de ter o amor da virgem bacante.

Se o sinistro vislumbre se apagasse de súbito, deixando a formosa estátua na penumbra suave da candura e inocência, o anjo casto e puro que havia naquela, como há em todas as moças, talvez passasse despercebido pelo turbilhão.

As revoltas mais impetuosas de Aurélia eram justamente contra a riqueza que lhe servia de trono, e sem a qual nunca por certo, apesar de suas prendas, receberia como rainha desdenhosa, a vassalagem que lhe rendiam.

Por isso mesmo considerava ela o ouro um vil metal que rebaixava os homens; e no íntimo sentia-se profundamente humilhada pensando que para toda essa gente que a cercava, ela, a sua pessoa, não merecia uma só das bajulações que tributavam a cada um de seus mil contos de réis.

Nunca da pena de algum Chatterton<sup>1</sup> desconhecido saíram mais cruciantes apóstrofes contra o dinheiro, do que vibrava muitas vezes o lábio perfumado dessa feiticeira menina, no seio de sua opulência.

Um traço basta para desenhá-la sob esta face.

Convencida de que todos os seus inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza, Aurélia reagia contra essa afronta, aplicando a esses indivíduos o mesmo estalão.

Assim costumava ela indicar o merecimento de cada um dos pretendentes, dando-lhes certo valor monetário. Em linguagem financeira, Aurélia cotava os seus adoradores pelo preço que razoavelmente poderiam obter no mercado matrimonial.

Uma noite, no Cassino<sup>2</sup>, a Lísia Soares, que fazia-se íntima com ela, e desejava ardentemente vê-la casada, dirigiu-lhe um gracejo acerca do Alfredo Moreira, rapaz elegante que chegara recentemente da Europa:

– É um moço muito distinto – respondeu Aurélia sorrindo –; vale bem como noivo cem contos de réis; mas eu tenho dinheiro para pagar um marido de maior preço, Lísia; não me contento com esse.

<sup>1</sup> Thomas Chatterton (1752-1770), poeta inglês que exerceu grande influência sobre os poetas românticos. Após uma breve vida de privações, suicidou-se com menos de 18 anos, tornando-se símbolo do gênio martirizado pela incompreensão da sociedade.

<sup>2</sup> Cassino Fluminense, clube localizado na Rua do Passeio, frequentado pela família imperial durante o Segundo Reinado e famoso por seus bailes.

Riam-se todos destes ditos de Aurélia, e os lançavam à conta de gracinhas de moça espirituosa; porém a maior parte das senhoras, sobretudo aquelas que tinham filhas moças, não cansavam de criticar desses modos desenvoltos, impróprios de meninas bem-educadas.

Os adoradores de Aurélia sabiam, pois ela não fazia mistério, do preço de sua cotação no rol da moça; e longe de se agastarem com a franqueza, divertiam-se com o jogo que muitas vezes resultava do ágio de suas ações naquela empresa nupcial.

Dava-se isto quando qualquer dos apaixonados tinha a felicidade de fazer alguma cousa a contento da moça e satisfazer-lhe as fantasias; porque nesse caso ela elevava-lhe a cotação, assim como abaixava a daquele que a contrariava ou incorria em seu desagrado.

Muito devia a cobiça embrutecer esses homens, ou cegá-los a paixão, para não verem o frio escárnio com que Aurélia os ludibriava nestes brincos ridículos, que eles tomavam por garridices de menina, e não eram senão ímpetos de uma irritação íntima e talvez mórbida.

14

A verdade é que todos porfiavam, às vezes colhidos por desânimo passageiro, mas logo restaurados por uma esperança obstinada, nenhum se resolvia a abandonar o campo; e muito menos o Alfredo Moreira que parecia figurar a cabeça do rol.

Não acompanharei Aurélia em sua efêmera passagem pelos salões da Corte, onde viu, jungido a seu carro de triunfo, tudo que a nossa sociedade tinha de mais elevado e brilhante.

Proponho-me unicamente a referir o drama íntimo e estranho que decidiu do destino dessa mulher singular.

## II

Seriam nove horas do dia.

Um sol ardente de março esbate-se nas venezianas que vestem as sacadas de uma sala, nas Laranjeiras.

A luz coada pelas verdes empanadas<sup>3</sup> debuxa com a suavidade do nimbo o gracioso busto de Aurélia sobre o aveludado escarlate do papel que forra o gabinete.

Reclinada na conversadeira com os olhos a vagar pelo crepúsculo do aposento, a moça parece imersa em intensa co-

<sup>3</sup> Janelas em que se usam tecidos no lugar dos vidros, um requinte para a época.

gitação. O recolhimento apaga-lhe no semblante, como no porte, a reverberação mordaz que de ordinário ela desfere de si, como a chama sulfúrea de um relâmpago.

Mas a serenidade que se derrama por toda a sua pessoa, se de alguma sorte desmaia a cintilação de sua beleza, a embebe de um fluido inefável de meiguice e carinho, que a torna irresistível.

Seus olhos já não têm aqueles fulvos lampejos, que despedem nos salões, e que, a igual do mormaço crestam. Nos lábios, em vez do cáustico sorriso, borbulha agora a flor d'alma a rever os íntimos enlevos.

Sombreira o formoso semblante uma tinta de melancolia que não lhe é habitual desde certo tempo, e que não obstante se diria o matiz mais próprio das feições delicadas. Há mulheres assim, a quem um perfume de tristeza idealiza. As mais violentas paixões são inspiradas por esses anjos de exílio.

Aurélia concentra-se de todo dentro de si; ninguém ao ver essa gentil menina, na aparência tão calma e tranqüila, acreditaria que nesse momento ela agita e resolve o problema de sua existência; e prepara-se para sacrificar irremediavelmente todo o seu futuro.

Alguém que entrava no gabinete veio arrancar a formosa pensativa à sua longa meditação. Era D. Firmina Mascarenhas, a senhora que exercia junto de Aurélia o ofício de guarda-moça.

A viúva aproximou-se da conversadeira para estalar um beijo na face da menina, que só nessa ocasião acordou da profunda distração em que estava absorpta.

Aurélia correu a vista surpresa pelo aposento; e interrogou uma miniatura de relógio presa à cintura por uma cadeia de ouro fosco.

Entretanto D. Firmina, acomodando a sua gordura semisecular em uma das vastas cadeiras de braços que ficavam ao lado da conversadeira, dispunha-se esperar pelo almoço.

– Está fatigada de ontem? – perguntou a viúva com a expressão de afetada ternura que exigia o seu cargo.

– Nem por isso; mas sinto-me lânguida; há de ser o calor – respondeu a moça para dar uma razão qualquer de sua atitude pensativa.

– Estes bailes que acabam tão tarde não podem ser bons para a saúde; por isso é que no Rio de Janeiro há tanta moça magra e amarela. Ora, ontem, quando serviram a ceia pouco faltava para tocar matinas em Santa Teresa. Se a primeira qua-

drilha começou com o toque do Aragão<sup>4</sup>!... Havia muita confusão; o serviço não esteve mau, mas andou tão atrapalhado!...

Firmina continuou por aí além a descrever suas impressões do baile da véspera, sem tirar os olhos do semblante de Aurélia, onde espiava o efeito de suas palavras, pronta a desdizer-se de qualquer observação, ao menor indício de contrariedade.

Deixou-a a moça falar, desejosa de desprender-se de suas preocupações e embalar-se ao rumor dessa voz que ouvia, sem compreender. Sabia que a viúva conversava acerca do baile; mas não acompanhava o que ela dizia.

De repente, porém, interrompeu-a:

– Que tal achou a Amaralzinha, D. Firmina?

A velha fez semblante de recordar-se.

– A Amaralzinha?... É aquela moça toda de azul?

– Com espigas de prata nos cabelos e nos apanhados da saia; simples e de muito bom gosto.

– Lembra-me. É uma menina bem galante! – afirmou a viúva.

– E bem-educada. Dizem que toca piano perfeitamente, e que tem uma voz muito agradável.

– Mas não costuma aparecer na sociedade. É a primeira vez que a encontramos; não me lembro de a ter visto antes.

– Foi a primeira vez!

Pronunciando estas palavras, a moça parecia de novo sentir sua alma refranger-se atraída imperiosamente por esse pensamento recôndito que a absorvia.

Mas reagiu contra essa preocupação; e dirigiu-se à viúva em tom vivo e instantâneo:

– Diga-me uma cousa, D. Firmina!

– O que é, Aurélia?

– Mas há de ser franca. Promete-me?

– Franca? Mais do que eu sou, menina? Se é este o meu defeito!...

A moça hesitava.

– Experimente, Senhora!

– Quem acha a senhora mais bonita, a Amaralzinha ou eu? – disse afinal Aurélia, empalidecendo de leve.

– Ora, ora! – acudiu a viúva a rir. – Está zombando, Aurélia.

Pois, a Amaralzinha é para se comparar com você?

– Seja sincera!

<sup>4</sup> Espécie de toque de recolher marcado pelo badalar dos sinos da Igreja de São Francisco de Paula, às 22h. Após esse horário, as pessoas que permaneciam na rua podiam ser revistas e detidas.



– Outras muito mais bonitas que ela não chegam a seus pés.  
A viúva citou quatro ou cinco nomes de moças que então andavam no galarim e dos quais não me recordo agora.

– É tão elegante! – disse Aurélia como se completasse uma reflexão íntima.

– São gostos!

– Em todo o caso é mais bem-educada do que eu?

– Do que você, Aurélia? Há de ser difícil que se encontre em todo o Rio de Janeiro outra moça que tenha sua educação. Lá mesmo, por Paris, de que tanto se fala, duvido que haja.

– Obrigada! É esta a sua franqueza, D. Firmina?

– Sim, senhora; a minha franqueza está em dizer a verdade, e não em escondê-la. Demais, isso é o que todos veem e repetem. Você toca piano como o Arnaud<sup>5</sup>, canta como uma prima-dona, e conversa na sala com os deputados e os diplomatas, que eles ficam todos enfeitados. E como não há de ser assim? Quando você quer, Aurélia, fala que parece uma novela.

– Já vejo que a senhora não é nada lisonjeira. Está desmerecendo os meus dotes – acudiu a menina sublinhando a última palavra com um fino sorriso de ironia. – Então não sabe, D. Firmina, que eu tenho um estilo de ouro, o mais sublime de todos os estilos, a cuja eloquência arrebatadora não se resiste? As que falam como uma novela, em vil prosa, são essas moças românticas e pálidas que se andam evaporando em suspiros; eu falo como um poema: sou a poesia que brilha e deslumbra!

– Entendo o que você quer dizer; o dinheiro faz do feio bonito, e dá tudo, até saúde. Mas repare bem, os seus maiores admiradores são justamente aqueles que não podem pretender sua riqueza; uns casados, outros já velhos...

– Quando pela primeira vez fumaram perto da senhora, não sentiu alguma cousa, um atordoamento?... Pois o ouro tem uma fumaça invisível, que embriaga ainda mais do que a do charuto de Havana, e até mesmo do que a desse nojento cigarro de papel, com que os rapazes de hoje se incensam. Toda essa gente que rodeia um velho ricoço, ministros, senadores e fidalgos, de certo que não espera casar-se com a burra do sujeito; mas sofre a atração do dinheiro.

– Agora mesmo, Aurélia, está você me dando razão e mostrando sua instrução. Quem há de dizer que uma menina de sua idade sabe mais de que muitos homens que aprenderam

<sup>5</sup> Aquiles Arnaud, célebre pianista italiano.

nas academias? E assim é bom; porque senão, com a riqueza que lhe deixou seu avô, sozinha no mundo, por força que havia de ser enganada.

– Antes fosse! – murmurou a moça recaiando em sua meditação.

D. Firmina ainda proferiu algumas palavras em continuação da conversa; mas notou que a moça não lhe prestava a menor atenção, antes parecia esquivar-se a qualquer impressão exterior, para mais profundamente reconcentrar-se.

Então com o tacto dessas almas feitas para a domesticidade moral, ergueu-se; e trocando alguns passos pela sala, disfarçou a reparar nas estatuetas de alabastro e vasos de porcelana colocados no mármore vermelho dos consolos.

Assim de costas para a conversadeira, mostrava-se desapercibida daquele enlevo de Aurélia, a quem de certo havia de contrariar, quando voltasse da distração à presença de uma pessoa a escrutar-lhe nos gestos o segredo dos pensamentos.

Não teriam decorrido cinco minutos quando ouvia D. Firmina um som trépido e cristalino, que ela bem conhecia por tê-lo muitas vezes escutado. Voltou-se e viu Aurélia, cujos lábios de nácar vibravam ainda com o harpejo daquele ríspido sorriso.

18

A gentil menina surgira de sua pensativa languidez, como uma estátua de cera que transmutando-se em jaspe de repente, se erigisse altiva e desdenhosa, desferindo de si os lívidos e fulvos reflexos do mármore polido.

Ela caminhou para as janelas, e com petulância nervosa suspendeu impetuosamente as duas venezianas, que pareciam um peso excessivo para sua mão fina e mimosa.

A torrente da luz precipitando-se pela abertura das janelas, encheu o aposento; e a moça adiantou-se até a sacada, para banhar-se nessas cascatas de sol, que lhe borbotavam sobre a régia fronte coroadada do diadema de cabelos castanhos, e desdobravam-se pelas formosas espáduas como uma túnica de ouro.

Embebia-se de luz. Quem a visse nesse momento assim resplandecente, poderia acreditar que sob as pregas do roupão de cambraia estava a ondular voluptuosamente a ninfa das chamas, a lasciva salamandra<sup>6</sup>, em que se transformara de chofre a fada encantada.

<sup>6</sup> Alusão a uma antiga crença de que as salamandras viveriam nas chamas e seriam resistentes ao fogo. A explicação é que esses animais costumam habitar troncos caídos, comumente usados como lenha. Por isso, salamandras eram vistas saindo às pressas de fogueiras, o que deu origem à crença.

Depois de saturar-se de sol como a alva papoula, que se cora aos beijos de seu real amante, a moça dirigiu-se ao piano e estouvadamente o abriu. Dos turbilhões da estrepitosa tempestade cromática, que revolvia o teclado, desprendeu-se afinal a sublime imprecisão da Norma<sup>7</sup>, quando rugindo ciúme, fulmina a perfídia de Polião.

Moderando os arrojos dessa instrumentação vertiginosa, para fazer o acompanhamento, a moça começou a cantar; mas às primeiras notas, sentindo-se tolhida pela posição, abandonou o piano, e em pé, no meio da sala, roçando a saia do roupão como se fosse a cauda do pálio gaulês, ela reproduziu com a voz e o gesto, aquela epopeia do coração traído, que tantas vezes tinha visto representada por Lagrange<sup>8</sup>.

A ferocidade da mulher enganada, sanha da leoa ferida, nunca teve para exprimi-la, nem mesmo na exímia cantora, uma voz mais bramida, um gesto mais sublime. As notas que desatavam-se dos lábios de Aurélia, possantes de vigor e harmonia, deixavam após si um frêmito, que lembrava o silvo da serpente, sobretudo quando este braço mimoso e torneado distendia-se de repente com um movimento hirto para vibrar o supremo desprezo.

D. Firmina, apesar de habituada desde muito ao caráter excêntrico de Aurélia, contemplava-a com surpresa nesse momento; e desconfiava que alguma cousa de extraordinário ocorresse na vida da moça, que a tornara a princípio tão pensativa, e produzia agora esse acesso sentimental.

Entretanto ela com a mesma volubilidade que a tomara ao erguer-se da conversadeira, correu para D. Firmina, travou-lhe do pulso fazendo-a de Polião, e deu imediatamente um jeito cômico à cena que terminou em risadas.

### III

Era a hora do almoço. As duas senhoras puseram-se à mesa. Aurélia distinguia-se pela sobriedade, que era nela a consequência de temperamento e educação. Não quer isto dizer que

<sup>7</sup> Ópera italiana de Vincenzo Bellini e Felice Romani. A personagem-título é sacerdotisa dos gauleses e apaixona-se por Polião, general romano, por quem quebra seus votos de castidade. Em seguida, Polião a trai com Adalgisa, outra sacerdotisa. Num levante dos gauleses, ele se torna prisioneiro e é condenado a morrer queimado. Sabendo disso, e para reencontrar o amado, Norma confessa a perda da castidade, a fim de morrer junto de Polião, na fogueira. O texto faz referência à passagem em que Norma descobre a traição de Polião e jura vingança.

<sup>8</sup> Ana Carolina Lagrange, cantora francesa.

fosse dessa espécie de moças papilionáceas que se alimentam do pólen das flores, e para quem o comer é um ato desagracioso e prosaico.

Bem ao contrário, ela sabia que a nutrição dá a seiva de beleza, sem a qual as cores desmaiam nas faces e os sorrisos nos lábios, como as efêmeras e pálidas florações de uma roseira ética.

Assim não tinha vergonha de comer; e sem vaidade acreditava que o esmalte de seus dentes não era menos gracioso quando eles se triscavam como a crepitação de um colar de pérolas; nem o matiz de seus lábios menos saboroso quando chupavam uma fruta, ou se entreabriam para receber o alimento.

Nessa ocasião, a moça fez exceção a seus hábitos de sobriedade; ela que não gostava de especiarias, e só de longe em longe bebia algumas gotas de licor, quis experimentar quanto molho e condimento picante havia em casa; e para remate bebeu um cálice de Xerez<sup>9</sup>.

D. Firmina sem esquecer o almoço, continuava a observar de parte a menina, cada vez mais convencida da existência de um acontecimento importante que havia alterado a calma habitual da moça.

Esse acontecimento, na opinião da viúva, não podia ser outro senão aquele que tamanha influência exerce nas meninas de dezoito anos, sobretudo se não dependem de ninguém para dispor de si.

D. Firmina tinha pois como certo que Aurélia, a desdenhosa, sentira afinal uma inclinação; e estava ansiosa a viúva, para conhecer o feliz que tivera o poder de cativar a altiva rainha dos salões, tão adorada, quanto fria e indiferente.

Revolvia na mente as recordações da noite anterior para certificar-se que não aparecera no baile nenhum moço desconhecido de quem Aurélia se pudesse apaixonar de súbito. Devia ser pois qualquer dos antigos adoradores, dos que ela escarnecia, que por alguma circunstância inexplicável alcançara render-lhe enfim o coração.

Não se pôde conter a viúva; em risco de desagradar a menina, dirigiu-lhe uma indireta com que se propunha a entabular a conversa, e conforme a resposta dirigiu-la para o ponto.

– Não sei que lhe acho hoje, Aurélia! Parece-me tão contente, e até mais bonita, se é possível, do que de costume!

– Deveras!

<sup>9</sup> Vinho da região espanhola de Andaluzia, branco e licoroso.

– Não é exageração, não. Olhe? As moças quando se vestem para um baile onde esperam encontrar alguém, ficam mais bonitas do que são. Mas você está hoje ainda mais bonita do que nos bailes. Nunca lhe vi assim. Aqui anda volta de algum segredinho!

– Quer saber qual é? – perguntou Aurélia com um sorriso.

– Não sou curiosa – replicou a viúva sentindo o pungir daquele sorriso.

– Resolvi ser freira!

– Está bom!

– Mas o meu convento há de ser este mesmo mundo em que vivemos, que nenhum outro teria mais penitências e mortificações para mim.

Desmentindo logo após a gravidade destas palavras com uma risada galhofeira, Aurélia deixou na sala de jantar D. Firmiana, espantada de que uma menina imensamente rica e formosa, desejada por todos, pudesse ter semelhantes pensamentos, ainda mesmo por gracejo.

Aurélia que se dirigira ao seu toucador, sentou-se a uma escrivaninha de araribá guarnecido de relevos de bronze dourado e escreveu uma carta de poucas linhas.

A todos os pormenores dessa comezinha operação, no dobrar a folha de papel, encerrá-la na capa, derreter o lacre e imprimir o sinete, a moça deliberadamente aplicava a maior atenção e esmero.

Ou essa carta era destinada a quem tudo lhe merecia, ou nesse apuro e cuidado buscava Aurélia disfarçar a hesitação que a surpreendera no momento de realizar uma ideia anteriormente assentada.

Depois de sobrescrita a carta, a moça tirou do segredo da secretária um cofre de sândalo embutido de marfim.

Havia ali entre cartas e flores murchas um cartão de visita, já amarelo, que ela escondeu no bolso do roupão, depois de guardado na sua carteirinha de veludo.

Ao som do tímpano apareceu um criado. Aurélia entregou-lhe a carta com um gesto vivo e a voz breve, como receosa de súbito arrependimento.

– Para o Sr. Lemos! Depressa!

Sentiu então Aurélia essa quietude que sucede às lutas do coração. Ela tinha afinal resolvido o problema inextricável de sua vida; e em vez de abandonar-se ao acaso e deixar-se levar pelo turbilhão do mundo, achara em sua alma a força precisa para dirigir os acontecimentos e dominar o futuro.

Daí provinha a calma de que revestia-se ao deixar o touca-  
dor e que outra vez imprimia à sua beleza uma doce expressão  
de melancolia e resignação.

D. Firmina como de costume, esperava que Aurélia dispuses-  
se a maneira por que passariam a manhã, pois a viúva não tinha  
outra ocupação que não fosse agradar à menina, fazer-lhe compa-  
nhia e prestar-se a todas as suas vontades e caprichos.

Para isto recebia além do tratamento uma boa mesada que  
ia acumulando para os tempos difíceis, como já os havia passa-  
do logo depois da perda do marido.

– Você não sai hoje, Aurélia?

– Pode ser. Mas não se constranja por meu respeito.

– Há de ficar sozinha?

– Tenho em que empregar o tempo. Um negócio grave! –  
tornou a menina sorrindo.

– É já alguma penitenciazinha?

– Ainda não; é a profissão de noviça.

Nessa ocasião e no meio das risadas da menina, anunciaram  
o Sr. Lemos, que foi imediatamente introduzido na sala.

– Recebi a sua carta em caminho; ia ao Botafogo: o José encon-  
trou-me no Largo do Machado. Estou às suas ordens, Aurélia.

22

Era o Sr. Lemos um velho de pequena estatura, não muito  
gordo, mas rolho e bojudo como um vaso chinês. Apesar de seu  
corpo rechonchudo tinha certa vivacidade buliçosa e saltitante  
que lhe dava petulância de rapaz, e casava perfeitamente com os  
olhinhos de azougue.

Logo à primeira apresentação reconhecia-se o tipo desses  
folgazões que trazem sempre um provimento de boas risadas  
com que se festejam a si mesmos.

Quando o Lemos na qualidade de tio fora pelo juiz de ór-  
fãos encarregado da tutela de Aurélia, deu-se um incidente que  
desde logo determinou a natureza das relações entre o tutor e  
sua pupila.

Pretendia o velho levar a menina para a companhia de sua  
família.

Opôs-se formalmente Aurélia, e declarou que era sua intenção  
viver em casa própria, na companhia de D. Firmina Mascarenhas.

– Mas atenda, minha menina, que ainda é menor.

– Tenho dezoito anos.

– Só aos vinte e um é que poderá viver sobre si e governar-se.

– É a sua opinião? Vou pedir ao juiz que me dê outro tutor  
mais condescendente.

– Como diz?

– E tais argumentos lhe apresentarei, que ele há de atender-me.

À vista desse tom positivo, o Lemos refletiu, e julgou mais prudente não contrariar a vontade da menina. Aquela ideia do pedido ao juiz para remoção da tutela não lhe agradara. Pensava ele que às mulheres ricas e bonitas não faltam protetores de influência.

Logo depois dos cumprimentos, D. Firmina retirou-se para deixar a moça em liberdade. Bem desejos tinha a viúva de assistir a essas conferências que o Lemos costumava ter de vez em quando com a pupila acerca de contas da tutela; mas neste ponto Aurélia era de extrema reserva e não gostava que ninguém entendesse com o que ela chamava seus negócios.

– Faça favor, meu tio! – disse a moça abrindo uma porta lateral.

Essa porta dava para um gabinete elegantemente mobiliado; o centro era ocupado por uma banca oval, como o resto dos trastes de *érable*<sup>10</sup> e coberta com um pano azul de franjas escarlates. Sobre a mesa, em salva de prata, havia o tinteiro e mais preparos de escrever.

No momento em que Aurélia, depois de passar o Lemos, ia por sua vez entrar no gabinete, apareceu à porta da saleta a Bernardina, velha a quem a menina protegia com esmolos. A sujeita parara com um modo tímido, esperando permissão para adiantar-se.

Aurélia aproximou-se dela com um gesto de interrogação.

– Quis vir ontem – segredou a Bernardina –; mas não pude, que atacou-me o reumatismo. Era para dizer que ele chegou.

– Já sabia!

– Ah! quem lhe contou? Pois foi ontem, havia de ser mais de meio-dia.

– Entre!

Aurélia cortou o diálogo, indicando à velha o corredor que levava para o interior; e passando ao gabinete cerrou a porta sobre si.

Não escapou este pormenor ao Lemos, que pela solenidade da conferência avaliava de sua importância.

– Com que história virá ela hoje? – dizia entre si o alegre velhinho.

Aurélia sentou-se à mesa de *érable*, convidando o tutor a ocupar a poltrona que lhe ficava defronte.

<sup>10</sup> Termo em francês para designar a madeira da árvore chamada bordo, muito usada em marçhetaria e carpintaria.

## IV

Quem observasse Aurélia naquele momento, não deixaria de notar a nova fisionomia que tomara o seu belo semblante e que influía em toda a sua pessoa.

Era uma expressão fria, pausada, inflexível, que jaspeava sua beleza, dando-lhe quase a gelidez da estátua. Mas no lampejo de seus grandes olhos pardos brilhavam as irradiações da inteligência. Operava-se nela uma revolução. O princípio vital da mulher abandonava seu foco natural, o coração, para concentrar-se no cérebro, onde residem as faculdades especulativas do homem.

Nessas ocasiões seu espírito adquiria tal lucidez que fazia correr um calafrio pela medula do Lemos, apesar do lombo macho de que a natureza havia forrado no roliço velhinho o tronco do sistema nervoso.

Era realmente para causar pasmo aos estranhos e susto a um tutor, a perspicácia com que essa moça de dezoito anos apreciava as questões mais complicadas; o perfeito conhecimento que mostrava dos negócios, e a facilidade com que fazia, muitas vezes de memória, qualquer operação aritmética por muito difícil e intrincada que fosse.

Não havia porém em Aurélia nem sombra do ridículo pedantismo de certas moças que, tendo colhido em leituras superficiais algumas noções vagas, se metem a tagarelar de tudo.

Bem ao contrário, ela recatava sua experiência, de que só fazia uso, quando o exigiam seus próprios interesses. Fora daí ninguém lhe ouvia falar de negócios e emitir opinião acerca de cousas que não pertencessem à sua especialidade de moça solteira.

O Lemos não estava a gosto; tinha perdido aquela jovialidade saltitante, que lhe dava um gracioso ar de pipoca. Na gravidade desusada dessa conferência, ele, homem experiente e sagaz, entrevia sérias complicações.

Assim era todo ouvidos, atento às palavras da moça.

– Tomei a liberdade de incomodá-lo, meu tio, para falar-lhe de objeto muito importante para mim.

– Ah! muito importante?... – repetiu o velho batendo a cabeça.

– De meu casamento! – disse Aurélia com a maior frieza e serenidade.

O velhinho saltou na cadeira como um balão elástico. Para disfarçar sua comoção esfregou as mãos rapidamente uma na outra, gesto que indicava nele grande agitação.



– Não acha que já estou em idade de pensar nisso? – perguntou a moça.

– Certamente! Dezoito anos...

– Dezenove.

– Dezenove? Cuidei que ainda não os tinha feito!... Muitas casam-se desta idade, e até mais moças; porém é quando têm o paizinho ou a mãezinha para escolher um bom noivo e arredar certos espertalhões. Uma menina órfã, inexperiente, eu não lhe aconselharia que se casasse senão depois da maioridade, quando conhecesse bem o mundo.

– Já o conheço demais – tornou a moça com o mesmo tom sério.

– Então está decidida?

– Tão decidida que lhe pedi esta conferência.

– Já sei! Deseja que eu aponte alguém... Que eu lhe procure um noivo nas condições precisas... Hã!... É difícil... um sujeito no caso de pretender uma moça como você, Aurélia? Enfim há de se fazer a diligência!

– Não precisa, meu tio. Já o achei!

Teve o Lemos outro sobressalto que o fez de novo pular na cadeira.

– Como?... Tem alguém de olho?

– Perdão, meu tio, não entendo sua linguagem figurada. Digo-lhe que escolhi o homem com quem me hei de casar.

– Já compreendo. Mas bem vê!... Como tutor, tenho de dar a minha aprovação.

– De certo, meu tutor; mas essa aprovação o senhor não há de ser tão cruel que a negue. Se o fizer, o que eu não espero, o juiz de órfãos a suprirá.

– O juiz?... Que histórias são essas que lhe andam metendo na cabeça, Aurélia?

– Sr. Lemos – disse a moça pausadamente e traspassando com um olhar frio a vista perplexa do velho –, completei dezenove anos; posso requerer um suplemento de idade mostrando que tenho capacidade para reger minha pessoa e bens; com maioria de razão obterei do juiz de órfãos, apesar de sua oposição, um alvará de licença para casar-me com quem eu quiser. Se estes argumentos jurídicos não lhe satisfazem, apresentar-lhe-ei um que me é pessoal.

– Vamos a ver! – acudiu o velho para quebrar o silêncio.

– É a minha vontade. O senhor não sabe o que ela vale, mas juro-lhe que para a levar a efeito não se me dará de sacrificar a herança de meu avô.

– É próprio da idade! São ideias que somente se têm aos dezanove anos; e isso mesmo já vai sendo raro.

– Esquece que desses dezanove anos, dezoito os vivi na extrema pobreza e um no seio da riqueza para onde fui transportada de repente. Tenho as duas grandes lições do mundo: a da miséria e a da opulência. Conheci outrora o dinheiro como um tirano; hoje o conheço como um cativo submisso. Por conseguinte devo ser mais velha do que o senhor que nunca foi nem tão pobre, como eu fui, nem tão rico, como eu sou.

O Lemos olhava com pasmo essa moça que lhe falava com tão profunda lição do mundo e uma filosofia para ele desconhecida.

– Não valia a pena ter tanto dinheiro – continuou Aurélia –, se ele não servisse para casar-me a meu gosto; ainda que para isto seja necessário gastar alguns miseráveis contos de réis.

– Aí é que está a dificuldade – acudiu o Lemos, que desde muito espreitava uma objeção. – Bem sabe Aurélia, que eu como tutor não posso despender um vintém sem autorização do juiz.

– O senhor não me quer entender, meu tutor – replicou a moça com um ténue assomo de impaciência. – Sei disso, e sei também muitas cousas que ninguém imagina. Por exemplo: sei o dividendo das apólices, a taxa do juro, as cotações da praça, sei que faço uma conta de prêmios compostos com a justeza e exatidão de uma tábua de câmbio.

O Lemos estava tonto.

– E por último sei que tenho uma relação de tudo quanto possuía meu avô, escrita por seu próprio punho e que me foi dada por ele mesmo.

Desta vez o purpurino velhinho empalideceu, sintoma assustador de tão completa e maciça carnadura, como a que lhe acolchoava as calcinhas emigradas e o fraque preto.

– Isto quer dizer que se eu tivesse um tutor que me contratasse e caísse em meu desagrado, ao chegar à minha maioridade não lhe daria quitação, sem primeiro passar um exame nas contas de sua administração para o que felizmente não careço de advogado nem de guarda-livros.

– Sim, senhora; está em seu direito – tornou o velho contrito.

– Cabendo-me porém a fortuna de ter um tutor meu amigo, que me faz todas as vontades, como o senhor, meu tio...

– Lá isso é verdade!

– Neste caso, em vez de matar a paciência e aborrecer-me com autos e contas, dou tudo por benfeito. Ainda mais, sei que

a tutela é gratuita, mas assim não deve ser quando os órfãos têm de sobra com que recompensar o trabalho que dão.

– Lá isso não, Aurélia. Este encargo é uma dívida sagrada, que pago à memória de sua mãe, a minha boa e sempre chorada irmã!...

O Lemos enxugou no canto do olho uma lágrima que ele conseguira espremer, se é que não a tinha inventado como parece mais provável. E a moça em tributo à memória de sua mãe evocada pelo velho, ergueu-se um instante a pretexto de olhar pela janela.

Quando voltou a seu lugar, o Lemos estava de todo restabelecido dos choques por que havia passado; e mostrava-se ao natural, fresco, titilante e risonho.

– Estamos entendidos? – perguntou a menina com a sisudez que não deixara em todo este diálogo.

– Você é uma feiticeirazinha, Aurélia; faz de mim o que quer.

– Reflita bem, meu tio. Vou confiar-lhe meu segredo, um segredo que a ninguém neste mundo foi revelado, e que só Deus sabe. Se depois de conhecê-lo, o senhor não me quiser servir, ou não souber, eu jamais lhe perdoarei.

– Pode confiar em mim sem susto o seu segredo, Aurélia, que mostrar-me-ei digno dessa confiança.

– Creio, Sr. Lemos, e para tirar-lhe qualquer escrúpulo que por acaso o assalte, lhe juro pela memória de minha mãe, que se há para mim felicidade neste mundo, é somente esta que o senhor me pode dar.

– Disponha de mim.

Aurélia parou um instante.

– Conhece o Amaral?

– Qual deles? – perguntou o velho um tanto acanhado.

– Manuel Tavares do Amaral, empregado da alfândega – disse a moça consultando sua carteirinha. – Tenha a bondade de tomar nota. Não é rico, mas possui alguma cousa; ajustou o casamento da filha Adelaide com um moço que esteve ausente do Rio de Janeiro, e a quem ele ofereceu de dote trinta contos de réis.

Ao proferir estas palavras sentiu-se um fugaz tremor na voz sempre tão límpida da moça, que logo após tomou um timbre ríspido.

O Lemos ficara roxo de vermelho que já era; e para disfarçar o seu vexame remexia a cabeça mui desinquieto, com o dedo a repuxar e alargar o colarinho, como se este o sufocasse.